

Migração e internet: a influência dos vínculos transnacionais na experiência dos cubanos diante da pandemia da Covid-19

Elisa Beatriz Ramírez Hernández¹
Ângela Cristina Salgueiro Marques²

1. Introdução

Com o desenvolvimento generalizado dos meios de comunicação e transporte no final do século XX e o surgimento do campo de estudos sobre o fenômeno do transnacionalismo, as diásporas se tornam representativas dessa nova era marcada pelo adensamento dos fluxos a escala mundial (MATTELART, 2009). Trata-se das mudanças em nossa experiência de tempo e temporalidades; bem como novas formas de se conectar com o espaço, em meio à expansão de regimes de interconexão e mobilidade que entrelaçam ambientes físicos e virtuais (AGBOBLI, KANE & HSAB, 2013).

Os processos de comunicação desempenham um papel essencial nessas articulações promovidas pelas migrações contemporâneas, um fenômeno social complexo que destaca a coexistência de fluxos físicos, simbólicos, tecnológicos, financeiros e midiáticos (APPADURAI, 1996). À medida que os imaginários decorrentes da globalização ganham relevância, o projeto absoluto do Estado-nação que fundamenta a "comunidade imaginada" como a conhecemos até agora, segundo Benedict Anderson, pode ser questionado pela "transformação de subjetividades cotidianas" (APPADURAI, 1996, p.10). Resta ver como essas novas subjetividades cotidianas (com dimensão transnacional) permeiam os espaços públicos, afetam a reorganização de experiências coletivas e impactam a reorganização da vida política nos diferentes contextos do momento histórico em que vivemos.

Nesse viés, este artigo se aproxima das relações entre redes migratórias e digitais que geram vínculos afetivos e interações transnacionais para além do território nacional como espaço absoluto, tomando como contexto de análise a irrupção da pandemia da Covid-19 em

¹ Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista CAPES. E-mail: elisabeatriz88@gmail.com.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora associada do Departamento de Comunicação Social nessa instituição. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com.

Cuba. Num panorama migratório de longa data, contudo, adquire outras significações a partir da recente ampliação do acesso à internet, e assim das possibilidades de adensamento das interações entre cubanos de dentro e fora da Ilha.

A ruptura revolucionária de 1959 que levou à construção da sociedade cubana como socialista e unipartidária também provocou confrontos e ataques de blocos capitalistas mundiais, especialmente um conflito histórico com os Estados Unidos. Assim, as primeiras décadas da Revolução abriram as portas para uma polarização que excluía aqueles que não seguiam "fielmente" a política do governo. Os emigrantes tornam-se "traidores" da pátria e "desertores" da "praça sitiada", um espaço construído simbolicamente para ilustrar o contexto de ameaças internacionais contra "a Cuba que resiste" ao capitalismo. Essa lógica dicotômica fundou uma concepção da Revolução como uma entidade abstrata e absoluta que atingiu todas as esferas da vida e os destinos dos cubanos no território da Ilha (HERNANDEZ; FAZITO, 2019).

Nesse contexto de extrema regulamentação governamental sobre mobilidade, liberdade de expressão e formas de organização política e econômica da sociedade, vários momentos de êxodo migratório durante o período revolucionário redefiniram o imaginário territorial cubano para além dos limites geográficos do Estado-nação. Do número atual de cerca de 2,5 milhões de emigrantes cubanos, 80% residem nos Estados Unidos (AJA et al, 2017). No entanto, a segunda década da década dos anos 2000 em Cuba foi atravessada por transformações da paisagem migratória e formas de mobilidade. Atualmente, a exclusividade dos fluxos migratórios para os Estados Unidos e o exílio histórico clássico anti-Castro dos primeiros anos revolucionários contrastam com as novas tendências que expressam diferentes marcos legislativos, uma emigração multi-causal e a diversificação de perfis e destinos migratórios: Estados Unidos, Espanha, Itália, México, Alemanha e Canadá (AJA et al, 2017).

Nesse panorama, os processos de migração transnacional articulam-se com a ampliação das possibilidades de acesso às novas Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) em Cuba; passando de um tipo de conexão extremamente cara e regulada por um acesso exclusivamente institucional, profissional ou turístico, vigente durante os anos 2000, até a implementação de zonas de acesso *wifi* no espaço público das cidades (2015) e a chegada da conexão 3G (2019), fundamentalmente. Contudo, é preciso salientar que o acesso real dos cubanos à rede digital continua sendo limitado pela persistência dos altos custos desse serviço, as práticas de vigilância do governo sobre o acesso e o uso da rede, a través de um monopólio

empresarial das telecomunicações, ETECSA, e o controle estatal sobre todas as esferas de produção e circulação simbólica, a fim de manter a hegemonia político-cultural no sistema único de meios de comunicação governistas na Ilha (HERNANDEZ, MARQUES, 2019). O contexto de crise econômica permanente no cotidiano dos cubanos condiciona também a influência das remessas dos emigrados e sua participação na vida doméstica do país de origem. Enquanto isso, o Estado continua exercendo o papel de regulador absoluto da vida pública e privada dos sujeitos, restringindo liberdades de expressão e imprensa que atualmente se estendem a leis de controle sobre o acesso e uso das TIC na Ilha; etc.

Sob esse viés, este trabalho adota uma perspectiva crítica na abordagem do campo interdisciplinar de estudos sobre TIC e migrações transnacionais, visando ultrapassar o foco nas ferramentas tecnológicas ou questões ligadas aos processos indenitários das diásporas nos países de acolhida. Assim, ressaltamos o nosso interesse por compreender como novas práticas digitais revelam a existência e formação de processos sócio-políticos, de natureza transnacional e com especial atenção as particularidades e dinâmicas que acontecem nas sociedades de origem dos migrantes. Essa perspectiva crítica (MATTELART, 2009; GEORGE, 2014) articula-se com procedimentos metodológicos que visam articular as potencialidades das redes afetivas e a interconexão entre diferentes ambientes virtuais na constituição de narrativas transmidiáticas e transnacionais e torno de acontecimentos públicos (HERNÁNDEZ, 2020).

O intuito é compreender como essas experiências podem influenciar novos processos de subjetivação e formas de vida que não estavam necessariamente previstos no projeto geopolítico da Revolução Cubana. Dessa maneira, entendemos que “(...) novos espaços sociais transnacionais e práticas transmigratórias levam a uma perfuração dos contêineres do Estado-nação” (PRIES, 2002, p. 586).

2. A potência política dos vínculos migratórios transnacionais nas redes digitais

No campo dos estudos localizados na interseção de processos migratórios e comunicacionais, Mirca Mandianou (2014) identifica duas gerações de pesquisa. Ela explica que, numa primeira fase, o objetivo era compreender os processos de representação na mídia do multiculturalismo e de manifestações de racismo/xenofobia em contextos ocidentais. Proliferavam também análises da produção midiática ligada a processos migratórios, tanto na

estruturação do discurso jornalístico quanto no conteúdo gerado pelos próprios migrantes, passando pelas particularidades da circulação e consumo desses discursos na comunidade diaspórica e nas sociedades de acolhida.

Mais recentemente, a autora afirma que o avanço das TIC abriu uma segunda agenda de pesquisa que visa ir além das questões de identidade e que busca aprofundar a análise das práticas comunicativas nas relações transnacionais. Assim, essa onda de estudos foca nos fluxos de comunicação possibilitados pelas novas mídias entre comunidades, instituições e famílias transnacionais. Embora Mandianou procure chamar a atenção para os modos pelos quais as pesquisas podem enfatizar um ou outro dos ângulos de análise, acreditamos que é necessário ter cuidado com esse tipo de demarcação baseada numa cronologia evolutiva, tendo em vista que coexistem atualmente muitos problemas que mobilizam conjunta ou indistintamente as duas abordagens mencionadas pela autora.

Assim, entendemos que o sujeito transnacional estabelece, por meio de suas interações, novas formas de entender a alteridade, a partir do momento em que o estranho (do estrangeiro) e o familiar (do lar) produzem um *continuum* entre duas ou mais realidades entrelaçadas no espaço e no tempo. Esse *continuum* social, segundo Dana Diminescu (2008, p.569), supõe que, nas migrações, “quebras e continuidades são adicionadas à mesma dinâmica”. Dessa forma, a autora propõe um deslocamento epistemológico que destaca a figura do “migrante conectado”, em uma derivação da noção de “presença conectada”, apontada por Christian Licoppe (2004) em relação aos estudos das novas mídias. Se bem as contribuições de Abdelmalek Sayad (1998) que explicam lucidamente a experiência do sujeito migrante como uma "dupla ausência" influem amplamente em autores franceses; Diminescu (2008, p. 572) tenta mostrar que "além da oposição entre o presente e o ausente, as delicadas divisões construídas nos incentivam a reconsiderar relações distantes e imediatas sob uma perspectiva de continuidade".

No entanto, essa imagem de "continuidade", alimentada pela ideia de conexão tecno-midiática, pode dar um falso senso de igualdade entre as condições de acesso à tecnologia das comunidades de origem e as de assentamento dos migrantes. Nesse sentido, é preciso pensar também nas assimetrias estruturais, bem como nas especificidades do contexto e do momento histórico abordado, levando em consideração as práticas sociais, discursivas, comunicacionais e culturais que definem o modo de vida tanto dos que emigram quanto dos que restam nos países de origem. Atentar para as particularidades dos contextos espaço-temporais nos quais

acontecem esses processos requer adotar uma perspectiva crítica que evidencia a materialização das vulnerabilidades, e ao mesmo as potencialidades de transformação social, a partir dos vínculos que são constituídos no duplo fluxo migratório e comunicacional.

Sob esse viés, o olhar crítico Tristan Mattelart (2009) nesse campo de estudos interdisciplinares destaca, dentre múltiplas questões, o papel das TIC como meio de intervenção nos países de origem dos imigrantes. Em particular, ele refere-se às possibilidades de articular projetos políticos e moldar esferas públicas alternativas, como no caso de muitos meios ligados à diáspora que influenciam ou desafiam poderes locais e regimes autoritários. Recusando qualquer abordagem determinista, o autor nos convida a ir além de análises muito focadas em ferramentas tecnológicas como agentes de mudanças radicais, a fim de melhor entender a natureza das práticas comunicacionais que afetam a evolução das formas de uso ao longo do tempo. Por outro lado, ele chama a atenção para o fato de que a prevalência de pesquisas orientadas exclusivamente à internet tendem a desconsiderar os ambientes e sistemas de comunicação mais amplos em que inserem-se as questões abordadas.

O argumento central do autor sublinha a necessidade de se considerar as relações de poder que estruturam o campo migratório. Ao dizer que "a linha telefônica, fixa ou móvel, também é um [...] lugar de poder, geralmente assimétrico" (MATTELART, 2009, p.39), ele questiona a existência de correlações entre a expansão de novas tecnologias (ou seu acesso) e a melhoria efetiva dos processos de comunicação entre os grupos:

Isso é, sem dúvida, conferir muita importância à técnica e negligenciar o contexto em que acontecem as interações sociais que ela facilita. É particularmente esquecer um pouco rapidamente que esses grupos são atravessados por lógicas de dominação que não abolem, de forma mágica, as novas tecnologias, muito pelo contrário (MATTELART, 2009, p.21).

É nesse sentido que Mattelart (2009) considera pertinente abordar os processos comunicativos diaspóricos na web, ou *webdiaspora*, para além de sua exclusividade digital ou missão transformadora que é conferida muitas vezes à esses espaços transnacionais virtuais. A *webdiáspora* (ou web diaspórica, e-diáspora, etc.) é uma noção que vem sendo proposta por alguns autores no crescente campo dos estudos de TIC e migrações, com o objetivo de produzir explicações para esses novos fenômenos que abrangem múltiplas plataformas digitais, territórios, experiências e formas de apropriação das novas mídias. Assim, existem

aproximações desse conceito que o ora definem como um novo gênero (SCOPSI, 2009), ora como “um recurso para interação e compartilhamento de vínculos sociais” (ESCUDERO, 2014, p. 149), ou bem um “terceiro lugar” para colocar os membros da comunidade em contato (...), um espaço virtual de comunicação (STOICIU, 2013, p.24).

De acordo com Escudero (2014), existem dois princípios fundamentais de constituição e organização da *webdiáspora*: 1) os vínculos familiares e relações sociais de forma geral; e 2) a mobilização social e participação política. Contudo, adotamos nesta pesquisa uma perspectiva que aborda essas duas dimensões simultaneamente na articulação de engajamentos afetivo-políticos, entre migrantes e não-migrantes, e destes diante dos sistemas políticos e midiáticos que os rodeiam, a fim de compreender como laços afetivos e interações transnacionais podem influenciar sentimentos cívico-políticos nas sociedades de origem dos migrantes. Isto não significa que tais processos estejam isentos de atrito, muito pelo contrário, trata-se de olhar para esses afetos e fluxos transnacionais como geradores de uma experiência transformadora dos sujeitos que vivenciam a migração, seja no deslocamento, seja na “saudades” dos que partiram longe.

De acordo com Mattelart (2009), é preciso questionar uma abordagem da web apenas como ferramenta de oposição a discursos dominantes nas sociedades de origem e destino dos migrantes, sem incluir na análise a dimensão econômica, conflitual e heterogênea que permeia essas relações diaspóricas. Um segundo elemento destacado pelo autor é a dificuldade dessas pesquisas em integrarem análises que articulem os espaços de atuação online e off-line ao mesmo tempo, o que também é sublinhado como elemento essencial por Mihaela Nedelcu (2009) em um estudo sobre ações transnacionais da diáspora científica romena. Um último ponto que consideramos relevante para uma abordagem crítica na área é o questionamento da ideia de que a *webdiáspora* representa um espaço pelo qual “indivíduos comuns” envolvidos em processos migratórios podem chegar a conformar “esferas públicas alternativas” nas sociedades de origem. Seguindo a Mattelart (2009), é preciso verificar se tais “indivíduos comuns” mais ativos não seriam apenas determinados atores com vantagens sociais ou privilégios intelectuais, e mesmo se eles são realmente ouvidos e de qual maneira.

De acordo com Vertovec (2005), a relevância política desses vínculos e interações transnacionais tende a gerar, na maioria dos casos, ações de associativismo, participação na política partidária, apoio a iniciativas e campanhas em favor ou contra um governo. Entretanto,

é preciso apontar aqui que assumimos uma abordagem um tanto diferente sobre o caso atual de Cuba, pois nos interessa observar como essa dimensão política estaria correlacionada às possibilidades de ruptura de determinados regimes discursivos e à emergência de novas sociabilidades, imaginários e narrativas alternativas ao poder absoluto do Estado-Partido que regula a produção midiática na Ilha. Assim, buscamos analisar como essas relações diaspóricas transnacionais, interações digitais e vínculos afetivos dos migrantes com seus seres queridos distantes (familiares, amigos) podem influenciar a experiência de acontecimentos coletivos em sociedades de origem.

Seguimos também a Steven Vertovec (2005) quando afirma que em uma comunidade transnacional, os vínculos com a pátria podem permanecer ativos ou latentes, dependendo geralmente de eventos como desastres naturais, conflitos ou mudanças de governo, que tendem a ativar tais afetos. Entretanto, a dimensão política desses grupos está correlacionada também à diversidade no interior de uma comunidade diaspórica, especialmente visível nas discordâncias entre migrantes de diferentes momentos históricos. Para Stoiciu (2013), a potência de mobilização de sites de redes sociais (MySpace, Facebook) em contextos migratórios pode se revelar fundamentalmente em meio a diferentes tipos de crises na sociedade de origem.

Essa perspectiva abre reflexões para se pensar as práticas comunicativas e mobilizações transnacionais a partir dos processos que ocorrem dentro das sociedades de origem dos migrantes e como esses eventos moldam diferentes padrões políticos através de redes extraterritoriais. Em lugar de tratar os “*sending states*” como uma unidade monolítica, consideramos relevante atentar para as particularidades dessas relações entre Estado e diáspora, a partir de características como a fortaleza ou fraqueza das instituições, a soberania interna e externa e a territorialidade das fronteiras; assim como aspectos que definem os tipos de regimes e sua influência no controle da participação política e econômica das diásporas.

De acordo com Mihaela Nedelcu (2009), as novas gerações de migrantes na era digital desenvolvem uma nova “cultura do vínculo” que lhes permite estar “aqui e lá” simultaneamente. Nesse viés, a autora destaca a um aspecto que consideramos também como fundamental para nossa pesquisa:

A emergência de novas formas de interação e de pertencimento num mundo de interconexões e interdependências, no qual as fronteiras entre nômadas e sedentários, migrantes e não-migrantes, dentro e fora, se vão apagando progressivamente. Mais especificamente, (...) uma transformação radical da

forma de estar junto para os migrantes e não-migrantes e de sua capacidade de interagir, de se organizar transnacionalmente e de agir localmente à distância (NEDELUCU, 2009, p.171, tradução nossa)

Assim, Nedelcu (2009, p.170) revela como esses processos promovem a difusão de valores democráticos ligados às experiências transnacionais dos sujeitos, ao tempo que as práticas de mobilizações em rede podem criar também uma “unidade extraterritorial e estimular o desenvolvimento d um senso cívico”, que passa também pelas ações coordenadas entre redes online e off-line.

Estudos desse tipo em Cuba são ainda incipientes, devido à recente ampliação do panorama digital e às limitações democráticas para a estruturação de movimentos sociais e novos ativismos políticos no território nacional. Em uma pesquisa sobre a influência da semiliberalização do acesso à internet em Cuba e o desenvolvimento de dinâmicas contenciosas em Cuba, Marie-Laure Geoffray (2015) analisa elementos do contexto social mais amplo, práticas online e off-line, ações locais e transnacionais que levam à mobilização de campanhas para a libertação de artistas, intelectuais e outros sujeitos considerados "oponentes" ou "potencialmente perigosos" pelo governo cubano. Geoffray (2015. p.226) destaca que “o uso militante das TIC reforçou processos sociais existentes, criando novos canais de expressão e conexão entre espaços polêmicos e polarizados em Cuba e com segmentos específicos da diáspora cubana politizada”. Segundo ela, a “publicidade” que certos sujeitos adquirem nesse contexto pode influenciar o conteúdo de programas políticos e, conseqüentemente, a tomada de decisões políticas.

Dada a amplitude do fenômeno da migração transnacional entre os cubanos, resta ver como esses ativismos transnacionais nascentes são capazes de mobilizar à grande maioria da população. Embora a “povo” cubano esteja principalmente exposta apenas ao fluxo hegemônico de informações na ilha, eles também frequentemente interagem com sua família, amigos, ex-vizinhos que fazem parte da comunidade diaspórica e que podem se tornar uma fonte de informações e experiências que disseminam de uma visão de mundo diferente daquela que o discurso oficial do governo cubano propaga como uma imagem única e absoluta do viver.

3. Abordagem metodológica: explorar e observar o acontecimento em curso

Os procedimentos metodológicos que estruturam a pesquisa desdobram-se em três dimensões específicas: a) a observação de dinâmicas comunicativas e interações online entre

cubanos de dentro e fora do país em torno do acontecimento da irrupção da pandemia da Covid-19 em Cuba; b) a inter-relação entre diferentes plataformas e ambientes digitais webdiaspóricos nos âmbitos privado e público; e c) a identificação dos principais episódios que compõem uma narrativa transnacional e transmidiática da experiência dos cubanos desse evento global. Os acontecimentos e sua capacidade de mobilização de públicos, assim como as características desse fenômeno nos ambientes online (tangencial, conjuntural, esporádico, fluido, no agir cotidiano do tático), nos permitiriam, a priori, traçar um mapa tentativo dessas práticas comunicacionais complexas.

O acompanhamento desses ambientes virtuais transnacionais, as observações online durante o acontecimento e a coleta manual de dados durante a auge da crise faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca compreender a potência política desses fluxos para a transformação de subjetividades, imaginários, e modos de vida em Cuba, no interior de um sistema estruturado pelo controle verticalizado da vida pública e privada dos cidadãos. Embora os principais exemplos apresentados aqui e o foco da pesquisa é voltado para a comunidade migratória cubana no Canadá, ressaltamos o fenômeno estudado abrange engajamentos de comunidades e indivíduos da diáspora cubana assentada em várias partes do mundo. Salientamos, ainda, a forte presença da diáspora cubano-americana estabelecida durante décadas no sul do estado da Flórida, nos Estados Unidos (principalmente na cidade de Miami), como enclave histórico representativo, lugar de nascimento da maioria dos projetos comunicativos e políticos da emigração cubana e centro articulador de espaços de interação transnacionais entre migrantes de vários países e cubanos da Ilha.

Este trabalho foca em três ambientes digitais que emergem na interseção entre os vínculos dos cubanos com emigrados nos Estados Unidos, Canadá (e outros) e o recente desenvolvimento das TIC em Cuba: 1) a rede social Facebook, em perfis de emigrados e de meios alternativos digitais diaspóricos; 2) sites e plataformas transnacionais criadas por cubanos emigrados para gerenciar fluxos de informações, bens e recursos à Cuba, paralelamente ao poder do governo; e 3) um grupo de WhatsApp de cubanos emigrados no Canadá (Montréal). A partir da análise de um corpus composto por arquivos de áudio, imagens, memes, vídeos, posts e conversações, coletados nos meses de março e abril de 2020, identificamos algumas dimensões que caracterizam o impacto desses processos comunicacionais na experiência da pandemia na sociedade cubana, de forma a tensionar a prevalência de modelo comunicativo vertical e

absoluto que estrutura o poder político do governo ao longo de seis décadas de processo revolucionário.

É preciso destacar, por fim, que para a seleção dos casos de estudo e definição dos resultados seguimos alguns critérios específicos, tais como: uma aproximação tentativa e exploratória do objeto empírico, a fim de identificar quais dinâmicas se destacam; considerar os eventos e as manifestações que emergem espontaneamente e não como parte de ações militantes de grupos políticos; nos aproximar, na medida do possível, dos processos que envolvem a sujeitos comuns e sua vida cotidiana, buscando compreender como relações interpessoais e afetivas entre cubanos de dentro e fora do país podem se inter-relacionar com a estruturação de uma narrativa coletiva que alcança tanto espaços do ativismo digital quanto esferas do governo e a mídia governista.

4. De volta para casa: o retorno digital dos emigrantes “excluídos” no projeto social cubano

As relações dos cubanos da Ilha com a diáspora têm atravessado por diferentes transformações ao longo de várias décadas de êxodos. Das manifestações de rejeição contra os que saíam nos anos 1980 rumo aos Estados Unidos, o maior “inimigo” da Revolução, até o “resgate” econômico que representam as remessas migratórias dos emigrados após a crise cubana dos anos 1990 (ECKSTEIN, 2009). Em meio aos contínuos deslocamentos, as separações familiares e as transformações na realidade da Ilha nos últimos anos, a migração permanece como uma dinâmica social central na construção de projetos de vida, diante da persistência de um sistema econômico falido e um regime político autoritário (HERNÁNDEZ; FAZITO, 2019).

Nesse contexto, os vínculos transnacionais (afetivos, econômicos, comunicacionais) ganham um protagonismo crescente na sociedade cubana que, permeada por uma densa cultura migratória, ultrapassa já os limites insulares como espaço único de pertencimento. Esses fluxos transnacionais vem se consolidando ao longo de várias décadas a partir do crescimento e incorporação de novas gerações à comunidade diaspórica, das recente possibilidades de retorno e circularidade que abriu a reforma migratória cubana e, fundamentalmente, pela ampliação de opções de comunicação através da ampliação de novas tecnologias, o acesso à telefonia celular (2008) e à internet (2015).

A participação da diáspora no desenvolvimento das telecomunicações nos países de origem abrange, de acordo com Mattelart (2009), o investimento em infraestrutura, fornecimento de aparelhos de conexão e financiamento de faturas telefônicas e de internet, dentre outras ações. Em Cuba, ainda que existem essas práticas, elas são limitadas por uma dimensão político-ideológica que faz com que o Estado tenha regulado a circulação de tecnologias pela fronteira e o acesso dos cubanos aos novos espaços de comunicação digital que fogem do controle do Partido. Contudo, um novo cenário abre-se na Ilha com a ampliação das possibilidades de acesso à internet, o que não se traduz automaticamente em um maior acesso, já que os custos desses serviços permanecem extremamente altos, em comparação com o salário médio nacional³. Dessa forma, observamos como as estratégias de desenvolvimento de internet implementadas recentemente pelo governo cubano (através do monopólio empresarial de ETECSA) contemplam o financiamento diaspórico desse acesso (HERNANDEZ, 2020).

Nos referimos ao mecanismo de “recargas internacionais” que oferece vantagens de bonificações para as recargas telefônicas feitas desde o exterior às linhas celulares cubanas⁴, favorecendo assim uma economia política da comunicação digital baseada nesses fluxos transnacionais. Esse tipo de ofertas da empresa governista ETECSA, por outro lado, tem estimulado a proliferação de iniciativas de negócios empreendidos por grupos da diáspora, websites (que atravessam também plataformas móveis e redes sociais digitais) gerenciados fundamentalmente desde Miami e com alcance em vários países, a fim de potencializar as formas de comunicação dos emigrados cubanos com seus seres queridos na Ilha. Além de facilitarem esses serviços de recargas, sites como Cuballama, Rebtel, DimeCuba, Cubatel, etc., oferecem promoções de ligações com Cuba e ampliam sua carteira de negócios para o turismo, viagens, páginas informativas, cursos de inglês, envios no comércio transnacional de eletrodomésticos, comida e itens de higiene etc., bens que escasseiam em Cuba. (MARQUES; HERNANDEZ, 2020).

³ O salário médio mensal de 777 Pesos Cubanos, equivalente a 31 dólares, aproximadamente, sendo que o custo da conexão varia de 1 a 2 dólares a hora em zonas wifi, até pacotes mensais de dados 3G de 10 dólares pela utilização de 1GB (MARQUES; HERNÁNDEZ, 2020).

⁴ Uma recarga internacional de 20 dólares realizada desde o exterior a um número de linha celular em Cuba se traduz em um saldo telefônico do receptor equivalente aos 20 dólares depositados, mais 30 ou 40 dólares de bônus para consumo mensal (HERNÁNDEZ, 2020).

À par das relações transnacionais serem potencializadas por lógicas de uma economia política que vincula os processos migratórios com a ampliação da internet em Cuba, observamos a proliferação de sites webdiaspóricos e a progressiva participação dos cubanos em espaços digitais, antes visitados exclusivamente por emigrados. Assim, a crescente presença dos cubanos da Ilha nas redes sociais virtuais os aproxima de informações, relatos e opiniões produzidas por conterrâneos que vivem uma experiência migratória, abrindo assim visões de mundo alternativas ao discurso único da mídia governista cubana.

Assim, a diáspora cubana joga um papel fundamental nos processos sociais ligados a novas práticas comunicativas, tanto pelo financiamento das formas de conexão à rede dos cubanos na Ilha (mensageria privada para comunicação familiar e acesso à internet de forma geral), quanto na promoção de espaços comunicativos virtuais para o encontro. A criação e circulação dessas novas narrativas no fluxo transnacional é favorecida hoje pela articulação entre os vínculos afetivos que geram redes privadas de comunicação entre familiares/amigos separados pela migração e o compartilhamento de conteúdo através de diferentes plataformas. Dessa forma, questões sensíveis que atingem o plano pessoal conseguem alcançar uma maior visibilidade no espaço público dos diferentes ambientes comunicativos dentro fora de Cuba.

4.1 Como desobedecer? Mobilizações e narrativas alternativas e no espaço digital transnacional cubano

Nos dias seguintes à detecção dos primeiros casos de COVID-19 em Cuba (11 de março), três turistas italianos, ainda falava-se que na Ilha não chegaria o vírus que estava já fazendo estragos no mundo todo; a mídia nacional governista apenas informava sobre poucos novos casos que iriam aparecendo, mas sem atentar para um posicionamento do governo diante do avanço da pandemia. Já no dia 17 de março, explode nas redes sociais digitais dos cubanos a notícia sobre uma mensagem de áudio que circulava através de diferentes plataformas, na qual uma mulher se auto-identificava como bióloga e advertia a um amigo sobre os perigos do governo não adotar de imediato medidas de contenção da epidemia, como é o fechamento das fronteiras nacionais.

O áudio teria sido emitido via Whatsapp e compartilhado em redes privadas até alcançar visibilidade em meios digitais webdiaspóricos como é o CiberCuba (gerenciado desde Miami e alimentado por cubanos em vários países, incluindo Cuba), onde aparece como notícia sob a

manchete “Mensaje en Cuba sobre el coronavirus denuncia que el gobierno está cometendo un crimen colectivo”⁵. A autora da mensagem explica para o amigo, num tom pessoal, com tranquilidade e firmeza, que a principal preocupação na propagação do vírus são os casos assintomáticos, não contemplados nas estatísticas conhecidas e divulgadas pela mídia do país, de forma que se o governo não adotasse medidas urgentes de contenção, estaria colocando em risco à população cubana. A ampla circulação da mensagem entre cubanos de dentro e fora da Ilha, junto aos enquadramentos midiáticos alarmantes na mídia diaspórica, gerou mobilizações nas redes digitais exigindo ao governo cubano fechar a fronteiras nacionais e tomar medidas de isolamento.

No intervalo dos dois dias seguintes, as redes digitais em Cuba y de cubanos em várias partes do mundo começou a questionar a atuação do governo cubano diante da pandemia, tanto pela publicação de opiniões pessoais críticas, o compartilhamento de notícias sobre a gravidade da situação epidemiológica no mundo, quanto pela aderência ao discurso dos sites webdiaspóricos que arremetiam contra o “regime”. A própria mensagem de áudio já faz uma ligação com o sistema político do país quando a mulher disse: “Estamos jogando à politicagem de expressar publicamente o robusto sistema de saúde cubano e tampouco estamos fechando as portas ao turismo”. De fato, a saúde pública é considerada como uma das vitórias da Revolução cubana e, portanto, tem uma relevante significação política na imagem mundial do país. A partir das reações que provoca esse áudio (e outras mensagens posteriores), nos interessa aqui destacar alguns aspectos desses processos comunicacionais transnacionais que são evidenciadas no acontecimento da pandemia.

Em primeiro lugar, observamos como relatos e informações geradas no interior da Ilha alcançam visibilidade a partir dos espaços digitais webdiaspóricos, que atuam como canais de denúncia e catalizadores de polémicas no espaço público cubano-transnacional (HERNÁNDEZ, 2020). Diante da ausência de espaços de comunicação que questionem o discurso hegemônico do governo na mídia oficial, fatos e opiniões geradas no interior do país trasbordam as fronteiras nacionais, são midiaticizadas no espaço diaspórico e retornam à Ilha para alimentar processos comunicativos paralelos ao controle do governo.

⁵ Matéria disponível em: <https://www.cibercuba.com/noticias/2020-03-17-u157374-e157374-s27061-audio-viral-cuba-coronavirus-denuncia-gobierno-esta>

Um elemento fundamental nesses fluxos são os laços afetivos e a estreita vinculação do povo cubano com a comunidade diaspórica, assim como as muitas formas em que os emigrados participam da vida cotidiana do país de origem, a através das relações pessoais que alimentam. Nesse sentido, pode-se dizer que esses ambientes digitais, transmidiáticos e transacionais, se tornam um espaço de aproximação entre a realidade que vive o sujeito comum cubano e o foco das autoridades da ilha, tendo em vista que os veículos midiáticos cubanos “oficiais” respondem às diretrizes ideológicas do Partido e não admitem uma pluralidade narrativa nem questionamentos ao poder político hegemônico.

A pressão pública dos emigrados exigindo atuação do governo combina-se com outras formas de influência que eles exercem sobre os familiares em amigos na Ilha para transmitir suas preocupações e orientações de cuidado. A partir das mobilizações na rede, visíveis em publicações diversas, memes, notícias, vídeos e através da *hashtag* #yomequedoencasa (eu fico em casa) nos perfis do Facebook, o governo cubano emite uma declaração oficial no dia 19 de março anunciando que as autoridades sanitárias controlam a Covid-19 e que a situação não requeria o fechamento das fronteiras nacionais nem o das escolas. Um 48 horas depois, representantes do governo comparecem em um programa televisivo especial para anunciar um conjunto de medidas de contenção do vírus que incluíam o fechamento de fronteiras.

Ainda nesse contexto, o protesto dos cubanos na web diaspórica transnacional continuava exigindo como medida urgente o fechamento das escolas, o que levou a que muitas mães e pais manifestassem nesses ambientes online sua intenção de não levarem seus filhos à escola, sem importar as decisões do governo. A educação pública, assim como o setor da saúde, ocupa um lugar protagônico no discurso da Revolução sobre as conquistas sociais que favorecem ao povo.

Figura 1. Cubanos se mobilizam em diferentes plataformas virtuais se recusando levar os filhos à escola.



Fonte: Sequência de capturas de tela no Facebook, no site webdiaspórico *CubitaNow* e de um grupo de emigrados cubanos no Whatsapp.

A Figura 1 mostra como a temática das escolas atravessa diferentes plataformas e ambientes digitais ligados à diáspora cubana, passando pela criação e uso da hashtag #conmishijosnotemetas (não mexe com meus filhos). No primeiro *print*, observa-se um post de uma emigrada cubana em Montréal que compartilha no Facebook uma notícia de um site webdiaspórico (Cubacute.com) sobre a recusa dos pais cubanos a levar seus filhos na escola “sem importar as consequências do Governo”. No segundo exemplo da figura, aparece diretamente uma matéria de um site similar, CubitaNOW⁶, noticiando a ampliação dessa “iniciativa” e tomando como fonte principal um tweet em que um cubano expressa: “Minha filha não vai mais à escola, não sou um irresponsável”. Por último, mostra-se umas mensagens de um dos membros do grupo de Whatsapp estudado, de cubanos em Montréal, no qual ele comenta: “Eu fiz minha parte. Falei para meu irmão não levar as filhas na escola”. No dia 23 de março, o governo anuncia a decisão de fechar as escolas.

Todavia, o que nos interessa destacar não é apenas que a pressão pública popular levasse ao governo adotar as medidas exigidas pelos cubanos nos ambientes virtuais, as quais provavelmente teriam sido implementadas diante do avanço da pandemia. O nosso intuito é

⁶ Matéria disponível em: <https://noticias.cubitanow.com/mi-hija-no-va-ms-a-la-escuela-no-soy-un-irresponsable-cubanos-multiplican-iniciativa->

mostrar como novas dinâmicas comunicacionais alimentam controvérsias públicas entre cubanos de dentro e fora através de diferentes plataformas e esferas de interação (privada, social, governamental), abrindo brechas a uma pluralidade de vozes que constroem narrativas alternativas ao poder hegemônico. Duvidar, crítica, questionar e exigir são atitudes que exprimem formas incipientes de desobediência civil entre os cubanos, até agora apagadas pelo viés totalitário do sistema cubano. Em um contexto de fragmentação do espaço público, acontecimentos como esse promovem e revelam lógicas de articulação a partir de espaços virtuais, nos quais sujeitos dispersos compartilham vínculos transnacionais com uma diáspora que representa o *outrem* possível.

4.2 Como calar a voz redes? A legalização da ciber-censura em durante a irrupção da pandemia em Cuba

Durante o resto do mês de março e nos meses de abril e maio, fundamentalmente, continuaram se sucedendo polémicas digitais alimentadas pelo fluxo transmidiático e transnacional de informações, imagens, opiniões e debates entre cubanos de dentro e fora do país sobre a situação da pandemia em Cuba. Enquanto as informações oficiais em Cuba mostravam um controle da epidemia baseado fundamentalmente no seguimento dos casos detectados e monitoramento do pessoal estrangeiro no país, outra mensagem de áudio circulou nas redes no dia 3 de abril, fundamentalmente a través de meios webdiaspóricos como CiberCuba⁷. Nela, uma mulher auto-identificada como médica de um popular hospital em Havana y advertia sobre a gravidade da circulação de casos não identificados nas ruas e alertava sobre as medidas que deviam tomar as pessoas (ao parecer, ela falava com pessoas conhecidas num grupo de Whatsapp, pelo que infere-se no áudio)

A doutora Laura, como se identificou, comenta que o chefe dela do hospital foi internado em cuidados intensivos por ter contato com um paciente de Covid-19, e que em outro hospital da cidade tinha morrido um paciente que chegou em estado muito grave. Alertando para a alta circulação do vírus no país, apesar das estatísticas não mostrarem um cenário alarmante, ela

⁷ Matéria disponível em: <https://www.cibercuba.com/noticias/2020-04-03-u1-e129488-s27061-doctora-calixto-garcia-advierte-coronavirus-esta-calles-no>

ênfatiza algumas medidas de precaução e e pede tomar a situação com seriedade, dizendo: “Nãoo e histeria, as pessoas estãoo morrendo”. Assim, o mensagem aponta que a propagação do vÍrus já nãoo estaria circunscrita ao controle dos estrangeiros, como apontava a mÍdia oficial, e que inclusive o pessoal de saÍde estaria e risco, o que só foi confirmado pelas autoridades alguns dias depois dessa denÍncia. Novamente, mensagens que seriam inicialmente direcionados para uma comunicação privada no Whatsapp geram a mobilização dos cubanos nas redes sociais digitais de vÁrias partes do mundo e interpela ao governo se posicionar na mÍdia oficial sobre os “rumores” que inquietam à população.

O que nos chama a atenção nesses episÓdios, por outra parte, é como essas narrativas alternativas colocam em questãoo a veracidade e confiabilidade das informações oferecidas pelo governo na mÍdia, mostrando a existênciãoo de sentimentos de descrédito e desconfianaa no discurso hegemônico que se pretende inquestionável, absoluto. Inclusive o tratamento das estatísticas oficiais é questionado por cubanos nas redes. No mesmo dia da circulação da segunda mensagem de áudiãoo, por exemplo, o reporte diário do Ministério cubano de SaÍde Pública (MINSAP) contabilizava 3.421 pessoas hospitalizados, dos quais 269 eram casos confirmados e 1.518 eram “suspeitos”, sem precisar o estado de mais de mil pacientes que nãoo são identificados em nenhuma outra categoria nesse grupo.

Na tentativa por fazer frente às acusações nas redes sobre o governo cubano estar “escondendo” informação, uma jornalista da equipe do presidente do país publica no perfil pessoal do Facebook um meme se burlando das tantas vezes que encontrava nas redes a mensagem do primeiro áudiãoo (do 17 de maroo). No intuito de defender a transparênciãoo do governo, ela declara: “Acredito que é a primeira vez em muito tempo que as notÍcias se dãoo tão rápido e com tantos detalhes”⁸. Dessa forma, a jornalista reafirma uma tradiãoo de sigilo informativo na mÍdia governista, herdada do espÍrito de conspiraãoo dos tempos da guerra fria e da ideia de que toda oposiãoo ou crítica é um atitude “contra-revolucionária”, isto é, contrária ao governo.

Se bem hoje podemos dizer que a estratégia cubana de enfrentamento à pandemia tem sido uma das melhores na América do Sul e que o governo mostrou uma atuaãoo contundente

⁸ Post do perfil pessoal de Leticia Martínez, jornalista da equipe do presidente cubano, disponível em : <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10217113704174631&set=a.1103209380340&type=3&theater>

na proteção da saúde dos cubanos; essas vitórias contrastam com as ondas de repressão e censura que seguem às controvérsias e mobilizações nas redes sociais digitais dos cubanos em meio à irrupção da pandemia em Cuba. No dia 8 de abril, o principal jornal nacional Granma, publicação oficial do PCC, publica um artigo sob a manchete “Inmunizarse, pero no solo contra el virus”⁹ (se imunizar, mas não só contra o vírus), frase reproduzida de um discurso pronunciado pelo presidente do país, Miguel Diaz Canel e que alerta sobre a necessidade de se “imunizar” contra as fake news.

O texto começa mencionando as duas mensagens de áudio que abordamos nesta pesquisa: “Rey¹⁰, você sabe que eu sou bióloga”. Mais ou menos assim começava um áudio que viralizou nas redes sociais, principalmente no Whatsapp. (...) Logo foi a Laura, ‘a do Calixto¹¹’”. Se bem o artigo busca expor características similares que identificariam esses conteúdos como *fake news* (ex. a legitimação de um saber autorizado: bióloga, médica), observamos que, mais do que proporcionar informações falsas, as mensagens difundem critérios que questionavam os enquadramentos oferecidos na mídia oficial governista.

A estratégia de deslegitimação empreendida pela mídia governista cubana é acompanhada por uma onda de repressões contra jornalistas independentes, que muitas vezes se tornam ativistas digitais, devido à proibição da existência de mídia independente no país. Durante os meses de março e abril, vários meios alternativos digitais, na maioria dos casos ligados à webdiáspora, denunciam as “arbitrariedades” e “injustiças” acometidas contra jornalistas desses meios que residem em Cuba.

⁹ Matéria disponível em: <http://www.granma.cu/doble-click/2020-04-08/inmunizarse-pero-no-solo-contra-el-virus-08-04-2020-01-04-19>

¹⁰ Rey é o nome do amigo ao qual foi enviada a primeira mensagem de áudio, mencionado na fala.

¹¹ Refere-se ao nome do hospital onde a médica trabalhava, “Calixto Garcia”, mencionado na fala.

Figura 1. Campanha denúncia nas redes sociais digitais a perseguição e multas aplicadas a ativistas e jornalistas independentes em Cuba durante a pandemia



Fonte: Sequência de capturas de tela de dos sites webdiaspóricos ADNCuba e CUBANET, e imagem da multa tomada do perfil pessoal da jornalista independente Mónica Baró no Facebook.

Na Figura 2 observamos alguns posts que evidenciam as denúncias contra as multas que receberam jornalistas e ativistas digitais cubanos no momento da irrupção da pandemia. No primeiro exemplo, o meio ADNCUBA¹² denuncia o interrogatório de funcionários da inteligência cubana à jornalista independente Camila Acosta (12 março), e na segunda imagem, o similar meio digital CUBANET¹³ reporta a mesma situação com a jornalista Mónica Baró (17 abril), quem teria sido reconhecida em 2019 pelo prêmio de jornalismo da Fundação Gabriel Garcia Márquez e que relata o acontecido no seu perfil do Facebook junto a uma imagem da multa aplicada. Elas, junto a outros, foram citadas durante o período de auge da pandemia para um interrogatório policial e receberam multas de três mil pesos cubanos (12 USD), equivalentes a seis vezes o salário médio da população, aproximadamente.

Como observa-se no documento da multa à Mónica Baró, esse tipo de punição é amparada legalmente pelo Decreto-Lei 370-2019 do Ministério Cubano das Telecomunicações, aprovado justamente no momento da implementação do acesso à internet via conexão 3G. O Artigo 68.i do Decreto considera uma violação da lei: “difundir, através das redes públicas de transmissão de dados, informação contrária ao interesse social, a moral, os bons costumes e a

¹² Matéria disponível em: <https://adncuba.com/noticias-de-cuba/yo-si-no-te-voy-ofrecer-colaborar-con-nosotros-o-te-quitas-o-te-vas-el>

¹³ Matéria disponível em: <https://www.cubanet.org/noticias/multan-periodista-monica-baro-decreto-ley-370/>

integridade das pessoas”¹⁴. No caso da Camila, ainda, a manchete da matéria destaca uma frase do oficial que a interrogou: “o te quitas, o te vas” (ou você sai do meio, ou você vai embora), evidenciando assim a persistência de uma política de mais de seis décadas que não admite dissidências no interior do sistema política implementado na Ilha, deixando apenas a rendição ou a emigração como única opção de oposição ou crítica ao sistema no jornalismo alternativo. Os relatos sobre os interrogatórios e as evidências aportadas pelos acusados são até agora os únicos registros públicos sobre essas detenções, já que não aparece menção alguma sobre esses acontecimentos pelas instâncias governamentais ou a mídia oficial governista. A partir desses acontecimentos, outras ações de denúncia e campanhas *online* mobilizaram a cubanos de várias partes do mundo através de sites webdiaspóricos e espaços nas redes sociais digitais.

Adotar uma perspectiva crítica desses fenômenos requer “focar nos conceitos que nos parecem importantes, tanto no que diz respeito às relações de poder quanto às possibilidades em termos de emancipação e 'analisá-las' dentro da estrutura de vários contextos sociais, macro e micro ao mesmo tempo” (GEORGE, 2014, p. 13). A análise das relações de poder que atravessam os episódios estudados envolve, por exemplo, prestar atenção às relações entre os aspectos materiais das ferramentas tecnológicas e o tecido social em que operam, assim como a compreensão da historicidade e lógicas culturais que rodeiam essas dinâmicas, dentre outros aspectos.

Sob esse viés, observamos nos casos estudados a persistência de uma tradicional estratégia de contenção unidirecional do poder político hegemônico na Ilha, que replica mecanismos de censura utilizados durante várias décadas para apagar qualquer tipo de dissidência política no país, neutralizando os atores sociais mais visíveis. Contudo, esse *modus operandi* parece obviar as particularidades de um novo contexto de ação coletiva reticular, que no caso de Cuba exprime-se pela emergência de articulações entre redes digitais e migratórias no fluxo transnacional.

Se bem o acesso e uso das novas mídias em Cuba é ainda limitado e a maioria da população permanece exposta fundamentalmente à mídia governista, o certo é que nelas ganham cada vez mais presença os jovens que seguem às gerações que construíram o projeto da Revolução. Se nosso objetivo é examinar criticamente essa realidade complexa, também é

¹⁴ Texto da legislação disponível em: <http://juriscuba.com/decreto-ley-no-370/>

necessário "levar em conta o fato de que a crítica social não se baseia mais apenas no conhecimento de uma pequena elite da população, mas também nos pontos de vista de indivíduos e coletivos mais ou menos organizados " (GEORGE, 2014, p.13). São esses cidadãos comuns os que alimentam as narrativas outras sobre a realidade dos cubanos e que, se bem não são os rostos visíveis da insurgência, o nome que aparece num documento de uma multa por Decreto, podem se tornar justamente o principal agente de transformação hoje: o corpo dessas redes.

5. Considerações finais

Durante a irrupção da pandemia da Covid-19 em Cuba, observamos a proliferação de relatos, opiniões críticas e atitudes de desobediência civil que estruturam mobilizações nos espaços digitais webdiaspóricos. Pode-se dizer que, de alguma forma, novos espaços sociais transnacionais são criados em torno da experiência da pandemia, a partir da interação entre cubanos de dentro e fora do país, setores da oposição (fundamentalmente da diáspora); atores do jornalismo cubano independente (do poder hegemônico na Ilha) e representantes do governo e a polícia política. Dessa forma, a articulação entre vínculos migratórios de longa data e recentes fluxos digitais possibilitam a emergência de narrativas alternativas ao discurso oficial da mídia hegemônica governista. Assim, tais controvérsias atravessam tanto os questionamentos à transparência e às decisões governamentais diante da pandemia, quanto as campanhas que denunciam o aumento de medidas repressivas contra os direitos dos cidadãos de uso nas redes sociais nessas mobilizações.

Apesar que trata-se ainda de um cenário virtual de limitado acesso na Ilha, as autoridades cubanas e a mídia governista são de alguma forma pressionadas a reconhecerem publicamente a existência dessa redes informativas paralelas ao "total" controle do Departamento Ideológico do Partido sobre a produção e circulação de conteúdo, estruturação de agendas e enquadramentos informativos. O estudo evidencia um descompasso entre as tradicionais estratégias de contenção do governo contra ativistas e jornalistas independentes em Cuba às lógicas de um contexto comunicacional e político em transformação, descentralizado pelas redes digitais (pessoas comuns, não apenas opositores) e potencializado pelos vínculos das redes transnacionais (várias formas de mobilidade).

Assim, a realidade dos cubanos passa a ser construída e experimentada sob dimensão transnacional e transmidiática, a partir da convergência de plataformas que estruturam um “espaço outro”, para além dos limites físicos e imaginados do Estado-nação. Através desses processos de circulação e ressignificação da experiência coletiva e individual dos sujeitos em interação, novas relações afetivo-políticas incidem nas formas de apropriação de uma realidade compartilhada afetiva e virtualmente por corpos distantes.

Referências bibliográficas

- AJA, Antonio D. et al. La migración internacional de cubanos. Escenarios actuales. Cuban international migration: current scenarios. **Novedades en Población**, v. 13, n. 26, 2017.
- DIMINESCU, Dana. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, vol. 47, no 4, p. 565-579, 2008.
- ECKSTEIN, Susan E. **The Immigrant Divide: How Cuban Americans Changed the US and Their Homeland**. New York: Routledge, 2009.
- ESCUDEIRO, Camila. A construção e organização da Webdiáspora. 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia-Mídia e Memórias do Autoritarismo. **Anais...** Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2014.
- GEOFFRAY, Marie-Laure. Transnational dynamics of contention in contemporary Cuba. *Journal of Latin American Studies*, vol.47, n.2), p. 223-249, 2015.
- GEORGE, Éric. Quelles perspectives critiques pour aborder les TIC ? , **tic&société**, vol 8, n° 1-2, p. 9-29, 2014
- HERNANDEZ, Elisa B ramírez .; MARQUES, Ângela C. Salgueiro. El debate público online en Cuba: sujetos interlocutores y politización de conversaciones sobre migración en el sitio Cubadebate. **COMMONS. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital**, v. 82, p. 80-121, 2019.
- HERNÁNDEZ, Elisa B. Ramírez. Fluxos digitais e migratórios: o dispositivo (trans) midiático no contexto transnacional cubano. **Comunicação Pública**, vol. 15, no 28, 2020.
- HERNÁNDEZ, Elisa B. Ramírez; FAZITO, Dimitri. La question migratoire à Cuba: politisation de conversations en ligne. **Revue française des sciences de l’information et de la communication** (on-line), no 17, 2019.
- KANE, Oumar et al Figures du sujet diasporique : entre identité et communication. In : AGBOBLI, Christian; KANE,Oumar; HSAB, Gaby. **Identités diasporiques et communication**. Québec : Presse de l’Université du Québec, 2013, , p. 31-51.
- MANDIANOU, Mirca. Polymedia communication and mediatized migration: an ethnographic approach. **Mediatization of communication**, v. 21, p. 323, 2014.
- MARQUES, Angela C. Salgueiro; HERNANDEZ, Elisa B. Ramirez. Vínculos migratórios e interações digitais: novos arranjos disposicionais na Cuba transnacional. **Revista Dispositiva**. (on-line), Vol. 9, n.15, 2020. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva> >. Acesso em 27/07/2020.
- MATTELART, Tristan. Les diasporas à l’heure des technologies de l’information et de la communication: petit état des saviors, **tic&société**, vol. 3, no 1-2, 2009.
- NEDELCO, Mihaela. Du brain drain à l’e-diaspora : vers une nouvelle culture du lien à l’ère du numérique, **tic&société** (on-line), Vol. 3, n° 1-2, 2009. Disponível em: < <http://ticetsociete.revues.org/675> > Acesso em: 16/05/2020.

- LICOPPE, Christian. Connected'presence: the emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape. **Environment and planning D: Society and space**, vol. 22, n. 1, p. 135-156. 2004.
- PRIES, Ludger. La migración transnacional y la perforación de los contenedores de Estados-nación, **Estudios Demográficos y Urbanos**, vol. 17, n.3, p. 571-597, 2002.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP. 1998.
- SCOPSI, Claire. Les sites web diasporiques: un nouveau genre médiatique?. **tic&société**, vol. 3, no 1-2, 2009.
- VERTOVEC, Steven. **The political importance of diasporas**. [Site] Centre on Migration, Policy & Society, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/FRZbWm>>. Acesso em: 20/06/2020.